

REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES
ISSN 1678-3182

VOLUME VI

NÚMERO XXII

JUL – SET 2007

Quem sois no reino deste mundo?*

armando gnisci

Università degli Studi de Roma La Sapienza

Tradução: Shirley de Souza Gomes Carreira

Resumo: Ensaio de Armando Gnisci, eminente professor e pesquisador da Universidade de Roma, sobre o neocolonialismo e o imperialismo cultural.

Palavras-chave: neocolonialismo, globalização, imperialismo cultural

Who are you in the realm of this world?

Abstract: Essay, by Armando Gnisci, prominent professor and researcher of the University of Rome, about neocolonialism and cultural imperialism.

Keywords: neocolonialism, globalization, cultural imperialism

Alors, si nous sommes vos égaux, mais que nous sommes exclus
 des droites qui s'attachent à cet état, qui êtes-vous? *ne* el reino de
 este mundo?

Reuni, para este encontro com todos os que ora me lêem, as palavras de dois escritores caribenhos e internacionalmente conhecidos do século XX. Aimé Césaire – poeta da Martinica, que nos acompanha também neste novo século— escreveu em 1956¹, re-examinando os problemas suscitados pela Lei de 19 de março de 1946, da qual

* Do original : Qui êtes-vous? *ne** el reino de este mundo?

“*ne*” é uma pequena palavra escrita em cursivo, ou itálico, para indicar ao leitor que se trata de uma palavra estrangeira em relação ao francês e ao espanhol, idiomas em que o título deste ensaio foi escrito. Ela é uma palavra italiana e significa *dans, adentro*, dentro, in.

foi relator na Assembléia Constituinte Francesa; lei que transformou as antigas colônias de Guadalupe, da Guiana, da Martinica e da Reunião em Departamentos de Ultramar e, portanto, em parte integral do território nacional da quarta república francesa, nascida depois da Segunda Guerra Mundial. Césaire sempre se bateu por esta solução não-independentista e aparentemente assimilacionista, porém, sempre sustentou² que se aquelas pequenas ilhas e territórios residuais da parte mais antiga do império colonial francês, correspondente ao século XVII, ao período pré-revolucionário e pré-republicano, se tornassem independentes, conheceriam a morte pela solidão e pela miséria.

À pergunta do poeta martinicano – *Qui êtes-vous?* – diretamente direcionada a todos nós, europeus, como uma espada, acrescentei o título de um famoso romance do ficcionista cubano Alejo Carpentier, escrito em 1949, que reconta eventos revolucionários acontecidos no Haiti entre 1760 e 1820, no período da primeira guerra de independência dos escravos africanos na América, contra a França da Revolução. Assim fazendo, eu, literato europeu e mediterrâneo, convoquei para um colóquio uma companhia das Antilhas que se dirige a nós, europeus, e nos interpela como a flecha que busca seu alvo, direta, implacável e decisiva.

A pergunta do poeta-político francófono parece ter um poder superior à urgência normal da interrogação direta. Ela parece, de fato, fixar-nos imediatamente, e acima de tudo, à “culpa”, antes mesmo do pedido intimidatório para que respondamos acerca da nossa identidade; para que digamos quem somos.

De que “culpa” estou falando? Afirmando que a presença da culpa aqui, como em um texto kafkiano, captura, repentinamente, toda a atenção e precede cada raciocínio e cada evento. Posso dizer o que sei: a culpa evocada pela pergunta de Césaire é aquela dos europeus cidadãos das nações imperialistas modernas; de nunca se interrogarem, de nunca terem tido a intenção de interrogarem a si mesmos, de não terem sido nunca interrogados por ninguém sobre a sua identidade de modo decisivo, e, enfim, de nunca terem escutado ninguém suficientemente. Com respeito às duas primeiras questões, Cartesio, Kant, ou Derrida, dentre os nossos contemporâneos, interrogaram-se, não sobre a culpa, porém, e o fizeram dentro da tradição filosófica ocidental, mas fora da verdadeira autocrítica radical, aquela do eurocentrismo; a terceira parece razoabilíssima a qualquer um e mostra estar em estreita conexão com a quarta, que nós, europeus,

** O autor faz questão de que seu nome seja escrito em minúsculas.

¹ O trecho que usei é do *Préface* escrito por Césaire no volume de Daniel Guérin, *Les Antilles décolonisées*, Paris, Présence Africaine 1956, p. 10.

² Consultem seu último livro, *Nègre je suis, nègre je resterai. Entretiens avec Françoise Vergès*, Paris, Albin Michel 2005.

excluimos preventivamente. Este jogo complexo de perguntas rejeitadas, de respostas inadequadas, porém soberbas, e de surdez, constituem o fardo que denominei “culpa”; um peso absurdo que tem sido rejeitado *sem que pensemos em nós mesmos*, nos porões vazios da história do mundo.

É por isto que a interrogação decisiva de Césaire permanece como uma pergunta que continua a vibrar no ar como uma flecha volante, que, após cinco séculos, ainda segue diretamente ao seu alvo como se tivesse sido lançada agora.

O título da obra de Carpentier foi convocado sintaticamente para poder compor uma frase única e complexa com a pergunta francófona e, ao mesmo tempo, para poder abrir uma curva mais larga ao modo e à ocasião de perguntar, completando a impiedosa linha reta do primeiro pedido, desenhando-a em torno de todo o seu campo visual. Assim fazendo, o título de Carpentier situa e circunda do modo mais pertinente a pergunta direta, alargando o fio do horizonte, para fazê-lo coincidir com as dobradiças e as portas da história moderna dos mundos que formam “este mundo”, o mundo de todos nós: o único *reino* possível. Mas o título do romance de Carpentier dá um nome também a algo que nunca foi nomeado.

Se sois europeus, vós que estais lendo este texto, haveis de sentir-vos “naturalmente” chamados a estar ao meu lado – estareis *à força* comigo, no mundo deste texto. Se, ao contrário, pertenceis ao *Mundus Novus* ou a outros mundos, velhos e novos, como a Ásia, África, e Austrália, estareis já agora — justamente agora, no início da nossa relação de leitura, aqui onde eu também me encontro – do lado de onde a flecha foi lançada, e, portanto, do outro lado do oceano, e do lado de quem lançou a pergunta inaudita.

Quis que desde o início as nossas pequenas figuras fossem solidamente fixadas cada uma à própria fachada da relação à qual pertencemos por cinco séculos; às vezes – ou melhor, uma vez, porque a ignorância cabe mais que qualquer outra coisa à nossa face européia, e àquela wasp nos EEUU— “não sabendo que não sabíamos”.

Desejo também declarar com firmeza que eu, que escrevo, também sou, antes de mais nada, *alvo* e ao mesmo tempo um possível *responsável* (no sentido de ser capaz, desejoso e induzido a responder) – ainda que não seja francês nem espanhol, mas italiano, fato que não me exonera de nenhuma interpelação e de nenhuma responsabilidade, bem como de nenhuma liberdade, nem da escolha de fazer de mim mesmo um correspondente- alvo – que, em suma, constrange os europeus (dos wasp não posso e não pretendo encarregar-me de nenhum modo de alguma responsabilidade)

a se algemarem e a se mortificarem por mais ou menos uma hora, ou a amaldiçoar-me. Ou a deixar-me seguir pela minha estrada, deserta e na contramão, na Europa.

Finalmente, quis que a condição de “alvo correspondente europeu” – uma espécie de figura de São Sebastião, temporária e absolutamente alegórica, que fala e responde aos seus arqueiros implacáveis – fosse rendição legível, traduzida em português, como sabeis vós, que no momento me leis nesse idioma, ou que estais traduzindo-me mentalmente do português em vosso idioma natal, no qual traduzís todas os outros idiomas que usais e aquele através do qual traduzís também, continuamente, este mundo. A razão de *deixar-me traduzir* – como diria Rushdie – nesta língua euro-creola e creolatina³ são muitas e importantes para o nosso encontro, além de que para mim pessoalmente.

A primeira razão é que a melhor tradutora de meus escritos, Shirley Carreira, da Universidade do Grande Rio, é brasileira; e ainda que ela também escreva e traduza muito bem em inglês, preferi que me traduzisse em *sua propria* língua, isto é, na *primeira* língua em que ela mesma se traduz, o que me pareceu melhor que ser traduzido no idioma do império acadêmico.

A segunda razão deve-se à minha convicção de que a crioulidade latino-ameríndia do português brasileiro traduz de modo eletivo e apropriado a língua eurolatina-italiana na qual escrevo e me traduzo enquanto europeu, visto que esta é a língua do pensamento e do caminho que faço, trabalhando há anos em um jardim ignoto e de exílio. Em seu lado periférico, exatamente de onde me traduzo, a Europa parece cair fora de si, como se fosse ao Porto ou a Finisterre e sempre em uma única tempestade, ou sobre a jangada de pedra de Saramago, ou, como escreveu Pessoa em seu primeiro texto poético de *Mensagem*⁴, porque Portugal é a face para o qual se abrem os olhos da Europa criança, deitada sobre o ventre, com os cotovelos postos um sobre a Itália e o outro, o direito, cuja mão sustém o rosto, sobre a Inglaterra. Os olhos miram “o Ocidente, o futuro do passado”, o oceano atlântico, olhando para baixo, em direção ao sul, ao Brasil.

Neste “caminho-jardim” de fronteira, sinto-me vigia e vigiado, europeu e outro, metade ± metade, me reconheço como estranho porém mais apropriado a mim mesmo, na mesma proporção em que a palavra “mim” é diferente de “mesmo”, ou melhor, tanto quanto “diferente” quer dizer, simplesmente, outro que não eu, e, portanto, chegando a

³ Trata-se de uma palavra que inventei há alguns anos, quando escrevi um ensaio em honra de uma composição poética dedicada a Roma por Roberto Fernández Retamar, palavra que Retamar amo. Nunca mais a usei, talvez porque a inventei para ele e não houve desde então nenhum outro a quem ela agradasse. Até hoje, naturalmente, quando finalmente pude reutilizá-la com satisfação (minha, ao menos) convosco.

⁴ “O dos Castelos”, 1928; o último verso diz: “O rosto com que fita é Portugal”.

compor aquele eu±outro que cheguei a ser, para poder me tornar interrogável e responsável, ou melhor, *correspondente*, como se diz daquele que está sempre em uma relação. Não estou *in-between*, como o mestiço, *creolo*, migrante colonizado, professor, possivelmente exótico, dos estudos pós-coloniais nos EEUU etc. A minha posição é outra; é a de um europeu que se desmarca do próprio destino acadêmico, moral e histórico e, *sem nunca renegá-lo e sem jamais abandoná-lo*, educa a si mesmo a por-se à espera e em ausculta dos mortos esquecidos e nunca ouvidos, dos oprimidos contemporâneos e dos que vêm a nos encontrar, os migrantes que agora estão na Europa, para poder aprender com essa ausculta, e em um colóquio com eles, o sentido contrário da história moderna. E para continuar a caminhar *com eles*, como deveria fazer cada europeu que busca um caminho para descolonizar-se; *alterando-se continuamente*, como dizia Clarice Lispector, “sabendo que sabe”. *Traduzindo-me*, desde o início; um órfão que vive a traduzir-se assim como se respira.

A terceira é que em nenhuma outra língua que não seja o português brasileiro eu me sinto traduzido como se fosse, *aponto*, “eu mesmo±outro” a poder e saber traduzir-me nessa língua. Este fato, ou sentimento, é um mistério que respeito e aprecio. Sinto-me como se tivesse antepassados lusitanos, e bem sei que não os tenho; ou como se em uma outra vida houvesse amado olhar o oceano de uma sacada de Lisboa⁵, vestido de maneira elegante e antiga (do século XVI, eu diria), todos os dias e por boa parte da noite, do modo pelo qual se pode estar à uma mesa flamenga, mas com os olhos que tenho hoje. E vice-versa, como se os olhos de hoje pudessem conservar uma visão daquela época, uma visão à qual ainda pertença: olhos gregos que guardam o futuro do passado, como na poesia de Pessoa.

Qual é o poder e o nome da força tão decisiva que move o poeta e que a faz permanecer no peito, ou ao lado, quando questiona com veemência, em francês, os europeus: quem sois?[que chegastes a tanto e que andastes sempre além no saber ultrajar?]. Por que e como eu, europeu, sinto e sei que essa flecha foi arremessada *também a mim e a todos os outros?*

Sei que no momento, como o de agora, no qual chego a saber tudo isto, em que contrario e aceito na física da minha pessoa a pergunta, a flecha voa depois de cinco séculos e se aquieta cravada em meu flanco; serena por poder estar presente ao início de

⁵ Camões (VI, 7) atribui a Lisboa o papel de nova Roma, dentro un fluxo de centro e de margem móveis que asseconda a nova identidade européia mundializada e moderna: “Via estar todo o Céu determinado/ De fazer de Lisboa nova Roma”.

nosso colóquio, após quinhentos anos de curso e de tensão, de solidão, aérea e marinha. E de filosofia européia.

No momento, estou com a minha flecha antilhana presa ao corpo e à mente e também eu me sinto sereno, porque, finalmente, alguém me interroga e está disposto a falar comigo sobre as coisas mais importantes, sem que eu deva imaginar-me em um diálogo com um deus inexistente ou como um personagem de Beckett.

Ninguém nunca me perguntou com a decisão assídua, mas não desesperada, desta pergunta-flecha quem nós, europeus, fomos e pensamos ser; fazendo-me saber também que há muito espera a resposta, e que foram muitas as vezes em que se lançou, ao longo dos séculos, esperando que algum de nós, em francês, inglês, espanhol, português, ou holandês, conseguisse senti-la e traduzi-la, anotando-a como um ponto vital em sua agenda. O arqueiro diz que chegou também a sonhar que pudesse ser, quiçá quando e onde, alguém na Europa a decidir dedicar-se a este empreendimento acima de qualquer outro já iniciado; de pôr-se à ausculta da flecha certa, como aqueles cientistas que estão sempre acordados e prontos para a possível chegada de um sinal ou mensagem de outros mundos, de cuja existência não temos certeza.

Nós, europeus, começamos a construir e a constituir o possível “reino deste mundo”, sem saber, a partir de quando deixamos definitivamente o mediterrâneo para enfrentar oceanos e continentes, superando-os: para oeste com Cristovão Colombo e para leste com Vasco da Gama. Mas foram Vespúcio e Magellano a abrir as portas da primeira e mais completa realização do sentido que poderia ter sido o reino comum deste mundo.

Aquela extraordinária curva da história e da evolução das espécies na própria história aconteceu no rapidíssimo período de apenas trinta anos: de 1492 a 1522. A realização física consiste na perimetração do reino planetário após o término da viagem de Magellano – depois de sua morte violenta *in itinere*, morto em um encontro com “aqueles” de uma ilha do arquipélago das Filipinas – pelo segundo comandante, Juan Sebastián Elcano.

Mas o sentido próprio é o produto de uma operação intelectual extraordinária; o fruto do trabalho da *primeira mente européia comum*: aquela de Américo Vespúcio-MartinWaldseemüller⁶-MathiasRingmann (um piloto literato, um cosmógrafo e um poeta

⁶ Waldseemüller publicou em 1507, com a colaboração de Ringman e outros eruditos do círculo lorenense, a famosa *Cosmographia Introductio*, [a edição que possuo é *The Cosmographiae Introductio of Martin Waldseemüller in facsimile*, Freeport, New York, Books for Libraries Press, 1907, 1969] na qual referiu-se às cartas de Vespúcio como textos cruciais da *novidade* dos tempos; enfatizou como *verdadeira* a descoberta

que não se conheciam, a não ser os dois últimos, eruditos que trabalhavam juntos em Saint-Dié nos Vosgi, vizinha a Strasburgo) que complete o conhecimento verdadeiro e próprio do sentido, viajando, escrevendo, imaginando e desenhando, e aprendendo uma possibilidade até então inconcebível. Naquele ponto, a história européia se torna a *história moderna* [do reino possível deste mundo, que, no entanto, não aconteceu]; torna-se a história na qual estamos todos inseridos, ainda que sem um reino comum. A partir do ponto em que a espécie humana foi reunida, como escreveu Voltaire mais tarde⁷, o planeta entrou no cosmo aberto de “mundos infinitos”, como Giordano Bruno imaginou e escreveu, no mesmo século. Este é só o desenho possível e ininterrupto do “reino deste mundo”, o único verdadeiro, que acaba de ser considerado possível e que nunca existiu, porque, dantes, foi julgado impossível de ser pensado.

Aquela mente comum européia compreende a condição de possibilidade do *kairós*. Viajando ao longo de um meridiano terrestre, intuiu que andava costeando um continente e, ainda que tardiamente, mas *de plano*, que aquele continente *imprevisto* era um *Mundus Novus*. Assim, imaginou, descreveu geograficamente e proclamou *em tempo real* que aquele novo mundo deveria chamar-se *América*, em honra ao nome daquele que simultaneamente intuiu e atestou a sua existência. Alguém havia descoberto o *outro mundo* como um continente verdadeiro e habitado por uma outra parte de nossa raça humana, e não como Atlântida, Divina Visão e Comédia, Ilha dos Beatos etc. Naquele momento, a mente européia foi levada a abrir dentro de si um espaço imprevisto, muito além do que pudesse pensar, e *não apenas fantasiar*. Os europeus podiam criar, a partir daquele ponto da história, “um novo reino comum da espécie”, se o tivessem querido. Ele não se tornou realidade, *mas houve outro mundo em seu lugar*. É este “outro”, que conhecemos tão bem, que ora grita, no deserto, afirmando que *um mundo alternativo* seria possível. Um poeta póstumo, depois de retornar à Europa, vindo do novo mundo do sul, recordou a falta desta história, dizendo chamar-se *Lautréamont*. Hoje, podemos começar a recontar esta história “inédita”, reconhecendo que a descoberta do novo

do florentino: aquela de um *Mundus Novus*, e não das ilhas chinesas, indianas ou japonesas (ou Cipango, do qual falou Marco Polo) a oeste, no Atlântico; propôs que o novo mundo recebesse o nome de seu verdadeiro descobridor: América, de Américo. Sobre esta história, que se narra enquanto a história acontece, e que é um outro aviso da abertura da modernidade, T.Todorov, em *Les morales de l'histoire*, Paris, Grasset&Fasquel 1991, forneceu uma interpretação diversa da minha. Confira-se em meu texto *Mondializzare la mente. Via della Decolonizzazione europea n.3*, Isernia, Cosmo Iannone 2006. Não existe nenhuma fonte que ateste que Américo nunca soube da proposta de dar o seu nome ao Novo Mundo.

⁷ No ensaio *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire, depuis Charlemagne jusqu'à Louis XIII*, publicado em 1756, Voltaire trata a América como o novo mundo. Em italiano, esse segmento importante e famoso da obra de Voltaire é recontado em um pequeno livro intitulado *L'America*, Palermo, Sellerio, 1991.

continente levou a mente europeia à mundialização, indicando a consistência mundial do planeta a todos os que quisessem entendê-la e praticá-la⁸.

Desde o aparecimento da mente-escritura europeia comum VWR [VespucciWaldseemüllerRingmann] – mediante uma operação mental que supera aquela de Sócrates e Platão, e que afirma uma nova possibilidade e uma forma inaudita de *maravilha cognitiva no presente*, por meio da absoluta modernidade do ato de descobrir-pensar-nomear-comunicar a novidade do que está ocorrendo em todo o mundo – se constituiu a mente mundial da Europa; mas não do único reino possível, o reino deste mundo.

Entre os eruditos do século XVI, creio, pensando sempre em desacordo com a interpretação de Todorov, que Montaigne foi o único a entender a absoluta novidade da aparição do novo mundo e, ao mesmo tempo, a necessidade, pelo mesmo motivo, de *mudar a mente europeia para melhor e não apenas em abertura*, a fim de iniciar uma nova convivência. Mas Cartesio (a nova razão filosófica clara e calculante deste mundo-campo) e Pascal (a nova forma de razão do *outro* mundo-reino, aquele do deus cristão que, não obstante a sua idade ultramilenar, não morre nunca, justamente porque imaginamos que retorna a cada instante para estar presente por meio de seu total sacrifício humano. Pascal interrogou-se, mas, enquanto cristão de coração, por conta de Deus.) ofuscaram o *modo sábio* de pensar do prefeito de Bordeaux e reduziram a possível exaltação da mente europeia VWR a uma questão meramente erudita da “história da geografia da descoberta”, uma disciplina gregaria e insignificante no teatro acadêmico do saber e da enciclopédia ocidentais.

O aparecimento do *Mundus Novus* no conhecimento dos europeus, eruditos ou não, não conseguiu abrir o reino deste mundo. Em seu posto, a modernidade dá início ao *progresso capitalista e à riqueza das nações coloniais*. E inaugura, entretanto, a época da *Primeira Infinita Guerra Mundial*: a guerra da Europa imperial, e depois dos seus sucessores, USA, *contra todos os mundos do único mundo comum que formamos juntos*. E mais; inaugura o advento e a marcha de sua sombra: a face e o modo obscuro da alma

⁸ Serge Gruzinski escreveu um livro formidável sobre a mundialização provocada pelo que chamou de “mobilização ibérica”, nos dois séculos iniciais da modernidade (XV e XVI), estudando-a no período crucial da “monarquia católica” ibérica ou “filipina”, de Felipe II (e depois de seus sucessores Felipe III e Felipe IV) de Espanha, que de 1580 a 1640 também detiveram a coroa de Portugal; esta monarquia universal não-imperial dominou *Les quatre parties du monde. Histoire d'une mondialisation*, Paris, Ed. de La Martinière, 2004.

européia; como mostrou Walter Mignolo⁹; que, opacos e invisíveis, não se mostram aos nossos olhos, mas só àqueles que olham de outra parte e que acreditam que fosse possível esperar do “Novo Mundo Branco” que veio encontrar-lhes à caminho de um mesmo mundo comum, aquele que obstinadamente imagino como o Novo Reino.

O nascimento do mundo novo e a “ameaça” (uma ameaça obscura) de um *único* reino deste mundo, provocaram um imediato efeito catastrófico no espírito europeu. Primeiramente, levaram o mundo *antigo* ao colapso, na voragem repentina de sua desatualização, repondo-o como ruína e museu, passado e filologia, rito, provérbio, *old fashion* e presépio. Essa catástrofe ocorreu em silêncio, assim como a bomba de Hiroxima, posteriormente. O mundo de outrora não mais existia. O tempo dos antigos (mas não aquele de Cristo) continuava a existir, certamente, mas como passado; tempo anterior a este, ainda que tão proximamente extinto; uma verdadeira *época*, agora *finda*, a ser recordada, sistematizada histórica e filologicamente. A este empreendimento acadêmico e museográfico é convocada a mente do humanismo: não a criar o homem mundial do novo reino, mas o cortesão, o jesuíta e o antiquário de um reino embalsamado e certo.

O mesmo movimento havia sido pensado e descrito por Heródoto, o viajante-histórico que estabelece a antiguidade da Europa, quando constitui sua própria época como nova, posto que sucede e descontinua a precedente, aquela em que havia a convivência entre deuses e homens. No livro III, 122 de *Histórias*, Heródoto escreve: “ Polícrates, de fato, é o primeiro dos gregos, tanto quanto sabemos, a aspirar o império do mar, aparte de Minosse de Cnossos e aqueles antes dele [...] de qualquer modo, da época considerada humana, Polícrates foi o primeiro, e tinha muita esperança de dominar a Jônia e a ilha.” Referindo-se a Polícrates, senhor da ilha de Samo e ao seu contraste com o persa Orestes, sátrapa de Sardi, Heródoto associa o seu pensamento a um salto histórico decisivo: “a época considerada humana” = “tes dè anthropeíes legoménes genes”: vale dizer – parece que se está a ler Tolkien – o tempo no qual a raça humana não mais privava da convivência com os deuses, e na qual se extinguiu a promíscua idade do meio, na qual tudo tinha sentido e resposta, posto que tudo era pleno de deuses. Heródoto reconta, marca e narra o advento do cisma fundador do mundo mediterrâneo e seus entornos. Trata-se do gesto que, reconhecido e recordado, garante a legitimidade do discurso que se desenvolve sozinho, mas, finalmente, entre nós, os humanos, persas, gregos, indianos, citas, etíopes e, desde então, todos os outros. Heródoto inaugura,

⁹ Em sua obra magistral à qual procuro corresponder a minha parte européia, *The Darker Side of the Renaissance. Literacy, Territoriality, & Colonization*, Ann Arbor, University Press of Michigan, 1995.

verdadeiramente, o conhecimento entre os povos do Mediterrâneo e abre uma mente mediterrânea comum, atribuindo até aos “bárbaros” persas a mesma dignidade dos gregos¹⁰.

A história moderna, quando se reconhece através da descoberta-maravilha do *Mundus Novus*, divide o tempo em dois segmentos, como fez Cristo, ou alguém em seu nome: em um antes e um depois, distinguindo e separando o Antigo do Moderno. E “moderno” significa – assim como foi para a mente cristológica (do apóstolo Paulo, principalmente), mas desta vez absolutamente *alla lettera*, e não *in spaeculum et in aenigmatate* – o que vale de agora em diante, e que está na “ordem do dia de cada dia”.

A história européia, quando se torna moderna, continua a querer ser compreendida como linear, mas, repentinamente, torna-se também imprevisível, além de descontínua. Se no ano mil dos cristãos não o conseguiu, agora no espaço e no tempo do novo mundo, e mediante a nova mente possível dos europeus, surge como um trauma obscuro, uma desgraça cega, ao invés de um conhecimento entusiasta e ardente, ou, como dizem os franceses, *con-naissance*, co-nascença (este ilustre pensamento lingüístico reporta-se ao filósofo Michel Serres). A que corresponde aquele trauma surdo e cego? Corresponde exatamente ao trauma-desgraça, estrepitoso e violento, provocado pelo nosso modo de aproximação aos habitantes desses novos mundos; exatamente à catástrofe causada por esse *encontro*.

Por que errado? Com respeito a qual critério, podemos pensar o nosso modo de aproximação como se fosse um erro, prolongado e persistente? Pode-se, ingenuamente, propor, mais uma vez, uma crítica ideológica e subversiva e chegar até a infligir condenações tolas ao curso da história das nações? Claro que não. Mas o ponto é outro. A crítica não nasce dentro do egrégio pensamento ocidental, mas vem da parte de quem caminha em uma outra luz. E nós, europeus, se não nos conscientizarmos da pergunta-flecha arremessada pelo poeta da *Négritude* no século XX, lançada de modo que pudesse viajar e valer como se tivesse partido no fim do século XV, alcançando-nos agora, não saberemos responder adequadamente a essa pergunta; sequer a aceitaremos¹¹. E não saberemos nada sobre o *nosso* trauma.

Por isso, “*Qui êtes-vous?*” é a matriz, oculta, de cada uma das perguntas acerca do conhecimento e da responsabilidade da história moderna, porque não queríamos e sabíamos responder. Mesmo que venha da parte desconhecida da historiografia, aquela

¹⁰ Ele inicia a sua obra com uma abordagem inaudita, dando a palavra do saber aos seus inimigos: “Os doutos persas afirmam que...”

¹¹Nunca a aceitamos?

pergunta, que foi feita em silêncio, reúne todos os reinos impossíveis deste mundo; aqueles que nunca foram criados por nenhum de nós, mas que eram passíveis de existência. Aquela pergunta talvez indique ainda mais: a verdadeira consistência da *nossa culpa* pela nossa chegada. O nosso deus, em seu tempo, veio trazendo de presente um reino, ainda que depositado em outra vida e outro mundo.

Eu não tenho uma resposta, entretanto, precisa e clara, a oferecer à terrível pergunta que soubemos ignorar por cinco séculos. Estou procurando pôr-me a caminho de aprender a entender as vozes que pululam sob o tapete do silêncio e a responder. Com quem aprender? Com a ausculta da flecha e benção da sua vinda, e da chegada de quem vem da Europa ao nosso encontro, sem armas, das nossas ex-colônias, ainda em busca do reino deste mundo.

Retomo a minha narração européia: como se pode afirmar que a partir da descoberta *americana* do mundo novo a Europa, rainha deste mundo agora inteiro, foi obscuramente traumatizada, como se tivesse contraído um “mal negro”, uma depressão melancólica ao contato com a mangróvia caribenha? E por que a *sílfide mental* foi removida e suplantada pela idéia luminosa de um porvir “magnífico e progressivo” (Leopardi) que acumulou riqueza e esplendor dentro da ilha e da península da pequena cabeça-cauda da Eurásia? Existem sintomas do nosso mal-estar aos quais hoje podemos tornar e que nos permitem falar desse mal misterioso? E o que nos veio a fazer falta *exatamente agora*, desde o momento em que expandimos e medimos os confins do planeta-reino e o reduzimos a nosso domínio?

Agradar-me-ia responder poeticamente, em um estilo sério e grave, ainda que *saudoso*, que nos falta, totalmente, a felicidade, ou melhor, a capacidade de nos tornarmos e nos mostrarmos felizes, exatamente como quando encontramos “aqueles” (assim é que Américo Vespúcio chama os brasileiros). Como sabemos por meio do *Manifesto Antropófago* do poeta brasileiro do século XX, Oswald de Andrade, “os brasileiros antes que os portugueses os descobrissem, já tinham descoberto a felicidade”. O que nos fez falta foi a nossa capacidade de nos regozijarmos com o encontro com a outra metade de nossa espécie; quero dizer, a nossa falta de paixão pela reciprocidade e, por razões obscuras, o nosso medo e recusa da possibilidade de um reino completo e apenas humano. Talvez seja esse o motivo do nosso trauma ser proclamado pela flecha que se denominou “*Qui êtes-vous?*”. Talvez “eles-aqueles” nos tenham recebido logo como homens do reino, ou que colaboravam para completá-lo, finalmente chegados, após longa espera. Éramos esperados, sem que soubéssemos. E ainda que tivéssemos compreendido e sabido, assim como a mente-VWR demonstrou ter compreendido que era

um mundo novo, não teríamos sabido o que fazer. O nosso trauma secreto foi descobrir outros humanos, e, ao invés de nos alegrarmos com eles, em nome de toda a espécie que se reencontrava, e de conceber um futuro junto a eles, absolutamente imprevisível, decidimos ignorar esse caminho a passar à violência-domínio.

A sabedoria européia moderna de contramão teve sua fonte e seu ápice, *a la fois*, na mente de Montaigne, quando escreve, na parte final do ensaio sobre os coches (*Des Coches*, Livre III, chapitre VI): “Que n’est tombée sous Alexandre, ou sous ces anciens une si noble conquête: et une si grande mutation et altération de tant d’empires et de peuples...”¹².

Assim falam os poetas e os ensaios. Desejo ser mais grave e preciso, triste e sério, para poder propor uma hermenêutica histórica pesante.

Afirmo que a minha “nação-[colônia]” de descobridores e de padres, a Itália, expressou o sintoma mais clamoroso e ambíguo da angústia da modernidade e da recusa do reino, tendo proclamado, paradoxalmente, já a *sua* doutrina: o “humanismo”. O sintoma foi a criação da felicidade necronômica, abstrata e cortesã do Renascimento, da renascença intencional do mundo morto, aquele mundo antigo, sem abandonar o cristo morto. Dürer intuiu e expressou o lado obscuro da Renascença na obra-prima *Melencolia I*, 1514. Os artistas e filósofos italianos tinham medo – como diante do clarão instantâneo (*pika*) da bomba em Hiroxima – da descoberta de uma nova época que submetia cada ato à ordem do dia, e que podia ser a época de um novo reino mundial e mundano, todo e apenas humano, feliz [por que não?]. Um mundo que se torna, ao invés da ordem nova de um domínio planetário, o incidir do progresso baconiano do conhecimento e da técnica, as artes militares de velas e canhões, o enriquecimento extramediterrâneo, a conquista do ouro e o dinheiro, a posse dos oceanos, o extermínio e a deportação de multidões de um continente a outro. Apenas Giordano Bruno teve a coragem de olhar o novo reino como se ele estivesse diante dos seus olhos, como se ele pudesse começar a pensar-se e dizer com suas regras não que o deus-cristo estava morto, como Nietzsche fez muito mais

¹² O ensaio de Bordeaux não fala de colonização, mas, como escreve Francisco López de Gómara, da “maior coisa depois da criação do mundo, além da Encarnação e da morte Daquele que não foi o seu autor...”. Sabemos que Montaigne aprendeu as coisas do Novo Mundo com o relato histórico de Cortés Francisco López de Gómara em sua *Historia de las Indias y conquista del México*, del 1522, dedicada a Carlo V. Sabemos também que o historiador hispânico ouviu de um companheiro de Cortés a aventura dos campeões dos *conquistadores*. Todorov, como sempre, não dá demonstrações de ter compreendido o discurso de Montaigne quando afirma que: “Montaigne é pela boa colonização, aquela feita em nome dos seus ideais (encarnados dos Gregos e Romanos)” *Le morali della storia*, tr. it., Torino, Einaudi, 1995, p.74. Encontro em Montaigne, ao contrário, uma exigência de pensar o encontro que faltou, a incrível ocasião perdida, dos seus contemporâneos com os nativos da terra e imagina “o impossível”, mas absolutamente racional e “sábio” segundo a sua mente, argumento exemplar dos antigos gregos e romanos.

tarde, mas que ele nunca nasceu; que nunca esteve nem nunca estaria entre nós. Por isso, ele foi queimado.

A magia e a utopia tornaram os gêneros do discurso da saudade e da tristeza por qualquer coisa que podia nos fazer felizes, sintomas de uma culpa nunca percebida, em qualquer parte, na Europa. E o ódio religioso e imperialista entre as nações colonizadoras, tornou-se código moral e protocolo da morte. O reino deste *Tout-Monde* (diria Édouard Glissant) se inverteu imediatamente, tornando-se o domínio da violência, da opressão e da acumulação primária de capital, como explicou Marx.

Assim, tornou-se impossível o reino deste mundo da “Grande (de)mente européia moderna” ; *uma mente desconexa e em más condições, sem união e sem senso comum*.

O seu poder foi trocado e reduziu desde o início os mundos “descobertos” a colônias, em terras e gentes a serem saqueadas e construiu um império divino, e demente, em uma perene guerra intestina mundial, ao invés do reino da amizade fraterna entre os diversos e de uma nova ordem planetária. Por isso, a terceira palavra de ordem da grande revolução burguesa, *Fraternidade*, permanece estranha. Por isso, sustento há anos, assim como Césaire e tantos outros “extra-europeus”, que a modernidade quer dizer “colonialismo” e vice versa. O que significa que o mundo inteiro tem sido submetido perenemente à ordem do dia, à agenda imperial do capitalismo, do enriquecimento, da violência e do *business*, que são os governantes daquele “reino deste mundo que nunca veio a ser”.

E então sim: sei que é esta a culpa que penso poder responder à pergunta do poeta que retorna: por que nos impusemos prepotentemente àqueles que nos pareceram diferentes, sendo eles iguais a nós; se entre nós mesmos essa diferença existe? Por que temos agido como se fossemos de uma outra espécie, transcendentemente superior a todas as outras, civilizadora? Podemos compreender, depois de cinco séculos, que, diante de seus olhos, surgimos como malvados extra-terrestres¹³ e os submetemos incondicionalmente à nossa lei incompreensível, mas férrea?

Césaire, Albert Memmi, o mesmo Fanon e Sartre, o único europeu do nosso tempo, que eu saiba (se conhecerdes outros, vos peço que me digam como contactá-los), falaram da ajuda devida por parte dos extra-europeus aos europeus para tornar possível a desconstrução do colono que carregamos em nossa mente/alma. Essa é uma oferta magnífica, mas penso que não podemos apenas esperar pela ajuda; penso que, ao invés

¹³ Vistes o filme *Mars attacks!* de Tim Burton (1996)?

disso, é necessário encontrar um meio para a descolonização europeia (da mente colonizadora europeia).

Tudo isso nos mostra que não há sentido algum para que me declare pós-moderno e pós-colonial. A pós-modernidade e o pós-colonialismo têm o mesmo projeto¹⁴ imperial europeu de hegemonia e devastação, que nunca teve um fim e que hoje chega ao ponto de sua realização suprema e infame: a estabilização da Injustiça como lei deste mundo globalizado, que não é mais um reino, mas que se tornou *o pior dos mundos possíveis*. De 1492 até hoje, e quem sabe até quando, ao invés de “pós-modernos”, nos tornamos *cada vez mais modernos*. E temos “ajudado” as pouquíssimas civilizações que resistiram à nossa colonização (o Japão, a China e em medida diversa a Índia) a *modernizarem-se*. Tanto souberam fazê-lo que hoje em diante até os tememos. Pós-moderno e pós-colonial são duas palavras-conceito *artificiais* que atiram ainda mais sombra na mente daqueles que desejam libertarem-se, a menos que não a entendamos de um modo banal, e sim de maneira singular: “pós” como sinônimo de “a partir de quando o mundo, a espécie humana e a história se tornaram modernos e expropriados da violência múltipla dos colonizadores europeus”.

Se pensarmos assim, perceberemos que esse pensamento está na contramão também em relação às assim chamadas “utopias renascentistas”, na medida em que é posto em prática um pensamento que *somente agora* tornou concebível e possível, finalmente, discutir a fratura colonial¹⁵ no âmago das nações colonialistas europeias. Assim, conseguiremos, também, ver melhor, no curso da história moderna eurocêntrica, o sentido e a missão de um saber acadêmico que nasce da mutilação originária da nossa ausculta do “outro”¹⁶. Esse saber se condiciona perfeitamente ao alinhamento militar da mente europeia *standard*, educada segundo a ótica do conhecer-para-dominar, e chama-se *etnologia*: a ciência que adota como próprio objeto os sujeitos (indivíduos e grupos denominados “étnicos”) da nossa espécie, ao invés de pensar a si mesma e de

¹⁴ O projeto de um demente.

¹⁵ Vede os debates em curso na França e em particular o livro *La fracture coloniale. La société française au prisme de l'héritage colonial*, organizado por P. Blanchard, N. Bancel et S. Lemaire, Paris, La Découverte, 2005.

¹⁶ Neste ponto deverei citar e comentar o texto precioso de Pero Vaz de Caminha, *A carta de Pero Vaz de Caminha*, endereçada ao rei de Portugal, Dom Manuel, pelo escrivão de Cabral, em 1 de maio de 1500, ali onde descreve a acolhida dos brasileiros e sua infinita conversa com eles: “Sua conversa conosco era tanta, que quase nos atrapalhavam em tudo o que tínhamos de fazer.”! Gostaria que quem nunca leu esse texto, sentisse agora que é necessário fazê-lo: em italiano, *Lettera sulla scoperta del Brasile*, organizado por Vera Lúcia de Mello Rodrigues, Palermo, Sellerio, 1992.

apresentar-se como uma nova possibilidade de educação para o colóquio humano, no horizonte da paridade e da reciprocidade¹⁷, se não da fraternidade.

A falar para convencer e converter os espíritos, e a devotar-se caridosamente à solução dos “problemas” dos outros (selvagens, indígenas, bárbaros, aborígenes etc), dedicaram-se os padres cristãos, como Las Casas, felizes por terem a oportunidade de conversões dóceis das massas. Em casos como os das *missões* jesuíticas *junto* aos índios do Paraguai do século XVII, ou da teologia da libertação do século XX, ao contrário, a igreja católica sufocou, mortificou e expulsou de seu “ecumenismo absolutamente moderno” o discurso e a prática de uma comunicação fraterna entre os homens, por puro medo.

O *Mundus Novus* recebeu o seu nome por parte dos europeus, um nome distante da mitologia greco-latina¹⁸; o nome daquele mercador florentino que havia intuído a sua existência, denominando-o antes de todos¹⁹. A novidade do extenso continente vertical americano, imprevisível segundo a sabedoria do velho mundo, colocou em crise a mente europeia, ao mesmo tempo em que o novo credo cristão reformado e cismático, a ciência experimental, não mais heliocêntrica, e a premissa do capital se afirmavam. Creio que a “crise americana”, portanto, foi de tal modo imprevisível, inesperada e destruidora, ainda que tenha durado quatro séculos, que determinou, por sua vez, duas reações traumáticas opostas: a “regressão renascentista” e contra-reformista italiana-católica – mental, literária, filosófica, imaginativa e, enfim, artística, pois o reino da alegoria foi contraposto ao reino deste *novo mundo* (*the brave new world*), que não pôde tornar-se real – por um lado, e de outro a estratégia da “conquista extrema” da América, cumprida até o fim pelos

¹⁷ Em junho de 2006 o Estado Francês inaugurou o belíssimo – uso este adjetivo superlativo exprimindo-o dentro de um juízo de gosto de caráter eurocêntrico, que, ainda que criticamente, me pertence – Musée du Quai Branly: o novo Musée de l’Homme. Dou-me conta de que para um europeu como eu é impossível visitá-lo com admiração, certamente, sem provar à la fois o sentimento irrenunciável de que ele é o Museu do Colonialismo, mais uma vez (2006!) maravilhosamente camuflado. Como se faz para não pensar que a coleção de objetos proveniente de todos os continentes, exceto da Europa, foram organizados segundo a lógica colonial: saque+exportação do butim=mostra de etnologia? O discurso inaugurado do presidente Chirac, portanto, é um depoimento verdadeiramente formidável e exemplar de como se pode pretender sanar cada fratura colonial com um multiculturalismo ambíguo e hipócrita.

¹⁸ A denominação *laica e moderna* do continente americano tem um correspondente *verso oriente* e literário no poema *Os Lusíadas* de Camões, o primeiro poema épico *moderno*, dedicado a um empreendimento contemporâneo, aquele de Vasco da Gama.

¹⁹ Stefan Zweig escreveu uma interessante, ainda que ambígua, biografia de Vespucci, *Amerigo*, tr.it., Milano, Mondadori, 1946, na qual relata uma frase mortífera sobre Vespúcio como impostor – seguindo Las Casas e tantos outros, inclusive os iluministas – de um dos pais fundadores do pensamento yankee, Ralph Waldo Emerson: “É estranho que a vasta América deva carregar o nome de um ladrão, Américo Vespúcio, mercador de Sevilha, cujo título naval de maior proeminência foi o de ajudante de um mestre em uma expedição que nunca partiu, conseguiu suplantá-lo neste mundo mentiroso e a batizar metade da terra com seu nome disonesto.” (pp. 86-87).

conquistadores mais potentes, os espanhóis ao centro e ao sul e os ingleses ao norte, com a colaboração conflitante de portugueses e franceses, de holandeses e dinamarqueses; estes últimos tendo de contentar-se com a *waste land* em meio ao oceano, a Groenlândia; nem velha nem nova.

O que entendo por “conquista extrema”, quando quero indicar com esta fórmula sintética e comum a forma da colonização, por muitas e diferentes razões, hispano-britânica? Acima de tudo, entendo a exaltação inaudita de uma sede de poder desenfreada expressa na apropriação total do novo mundo, enquanto o renascimento dos italianos era a repulsa e a renúncia ao novo, com uma dobradura embrionária sobre si mesmo, na visão umbilical do Antigo; em uma espécie de espelho curvo no qual o *Mundus Vetus* se pudesse re-imaginar e contemplar como no quadro em que Van Eyck retrata os cônjuges Arnolfini, no qual se pode divisar, projetada no espelho convexo que está na parede, ao fundo, a cena que está diante deles e fora do quadro. Ali, onde estamos nós, expectadores modernos.

O renascimento lança um longo olhar sobre o ventre do próprio passado, como em um espelho convexo. Contemporaneamente, na época moderna, a Itália tornou-se a *colônia interna* e arlequina das nações imperiais europeias vizinhas; colônia trimilenária, da época da Magna Grecia (VIII sec. a.c.) até o fim da Segunda Guerra Mundial.

A *estratégia da conquista extrema* (uma verdadeira *Voyage au bout de la nuit*) é uma longa corrida ao assalto e à destruição indiscriminada da novidade absurda e inconcebível, insustentável e estranha do mundo americano. De costa a costa. A apropriação e a colonização passam pelo aniquilamento imediato e prolongado de qualquer reconhecimento da alteridade e de novidade daquele mundo *imprevisto* e *visto* como vazio. Pela primeira vez o homem europeu decide não contratar e trocar, não fazer pactos nem comercializar, não se surpreender nem sentir-se pequeno diante do Grande Khan, do Padre Gianni ou dos sultões africanos e asiáticos; dos terríveis mongóis, dos sábios chineses ou dos grandes espíritos indianos.

A América é um mundo novo, vasto e devastável. A América é a Grande Ocasão Moderna, por isso é necessário fazê-la tornar-se um continente *completamente* vazio, uma *tabula rasa*, mas rica em oportunidades, como se os *conquistadores ingleses* tivessem em mente uma estratégia da bomba-N, a bomba de nêutrons, os Estados Unidos do século XX, quero dizer, aquela que destrói os homens mas deixa as coisas intactas, ou as bombas cluster atuais, usadas no Iraque e no Líbano, que matam, sobretudo, as crianças.

A América vem a ser concebida e realizada como a possibilidade de uma Nova Europa, porém esvaziada e por refazer; a cópia de ultramar em forma de colônia de natureza virgem e disponível; uma Europa sem a sua velhice e o seu passado e *refeita pelos europeus que quisessem recomeçar a vida*. Um continente *reduzido* – facilmente – a um *falso* estado primitivo e selvagem, esvaziado e posto à completa disposição dos conquistadores. Os nomes dados aos espanhóis e ingleses aos lugares por eles colonizados são todos do mesmo tipo: Nueva España [Mexico], New England.

Por isso foi possível e necessário destituir o novo mundo da presença-excrescência indígena semi-humana, a fim de finalmente transformá-lo em um enorme continente *europóide*²⁰, refeito, ou melhor, recriado, segundo a vontade soberana do europeu, que agora, finalmente, compreende e realiza o sentido de ser *filho de deus*. Assim, na escolha da violência. Os ingleses não se propõem nem mesmo o pensamento da civilização. Não há mais ninguém para ser civilizado.

A América é a terra em que, sobretudo, o filho-irmão anglo-saxão e puritano recebeu de presente para poder recriá-la à sua imagem e semelhança. Se ela é verdadeiramente um mundo novo, o é apenas por conta dessa *novidade recriada e reformada* – jesuita e luterana, papal e calvinista ao mesmo tempo: o novo cristianismo protestante e reformado é contemporâneo e cúmplice mental da colonização americana, tanto quanto e até mais, diria, que os dominicanos, franciscanos e jesuitas. Mas são, sobretudo, as nações *creolas*, com os Estados Unidos e a Argentina à frente, em seguida à Inglaterra e à Espanha, aquelas a eliminar os povos indígenas, como eles mesmos ensinaram (eu aprendi isso com os mapuche).

Na América, as nações conquistadoras e colonizadoras européias aprenderam a tornarem-se finalmente imperiais de modo apropriado, isto é, cada uma delas com o *seu próprio* império, ao invés de todas juntas estarem subordinadas ou excluídas de um império central Sacro Romano, velho, mas milagrosamente eterno. As nações atlânticas aprenderam na América que, depois de haver criado um mundo verdadeiramente novo, poderiam expandir-se pelo planeta. Adquiriram a certeza (a Espanha antes de todas) de que poderiam dominar e repartir o mundo entre si, visto que o último continente conhecido, a Austrália (*Terra Australis*) veio a ser conquistado *do mesmo modo e até muito mais facilmente pela América*, depois de ter sido descoberto pelos holandeses e ingleses (Albert Tasman e James Cook nos séculos XVII e XVIII). Mais tarde, ao fim do processo de ocupação global do planeta, no congresso de Berlim de 1884-1885, os

²⁰ Trata-se de um termo que tomo por empréstimo a Retamar.

européus repartiram também a África, mas para controlá-la, desfrutá-la e devastá-la. Dele participaram também as últimas nações imperialistas a chegar, as mais indecentes: Alemanha, Bélgica e Itália²¹

A África para os europeus sempre foi, depois do império romano, a parte desgastada e hostil do *Mundus Vetus*. Foi preciso esperar por Vasco da Gama para poder circunavegá-la e chegar, por mar, às Índias; para poder, de fato, *ultrapassá-la*, assim como se ultrapassa um longo promontório maciço, hostil e cego. É apenas uma questão de possuir – Gabriele D’Annunzio, em 1936, escreve uma espécie de poema em prosa colonial, que, em latim, se intitula, *Teneo te Africa* – e de desfrutar até os ossos, sem que haja esperança, para ninguém. E, enfim, terra desolada da longa exportação humana, obra de europeus e americanos, para substituir os indígenas ameríndios, dizimados pelas doenças e pela exaustão, além do genocídio dos escravos negros, para o progresso desumano da modernidade: o comércio triangular no *Black Atlantic*.

Creio que Rimbaud escolheu a África para perder-se, e não a América, exatamente por isso; para poder dizer “Je suis nègre”²², no lugar de “un autre”. Mais tarde, Conrad teria a extraordinária intuição que, viajando pelo coração africano do Congo, pode-se chegar a encontrar o centro da moléstia imperial da Europa, o seu coração tenebroso: o horror de que nasceu e por meio do qual cresceu a modernidade. Em 1902, esse flutua na foz do Tâmesa e em Bruxelas, uma cidade de mortos, aos olhos de Marlowe.

Nesta história euro-americana e mundial, que estou recontando à minha maneira, existe também um protagonista maciço, mas estranhamente ignoto e invisível, do colonialismo europeu, um grande império, feroz, mas *desconhecido*: a Rússia. Ainda que os russos quisessem um novo mundo, maior e mais vazio que os Estados Unidos, chamaram-no *Novaia Zemlia*²³. Metade da Ásia, aquela setentrional. A Rússia czarista, bolchevista e (Como chamar a atual? Pós-soviética?) agora putiniana, russificou e desfrutou de metade da Ásia, mas, *mirabile dictu*, a mantém tutora sem que ninguém perceba: o último império colonial dos europeus tornou-se invisível e ignoto e ninguém consegue vê-lo, um incrível encantamento cósmico.

²¹ Falo pela Itália: a nação inexistente, a nação colônia da Europa, que mal tendo conseguido a independência e a unificação (por meio de um processo militar chamado de “Risorgimento”, que relembra o precedente Renascimento) renega os seus “ideais”: parte para a África para tornar-se “potência colonial” e, contemporaneamente, permite a emigração dos pobres novos italianos a fim de que revivam em algum outro lugar, abandonados à própria sorte e à sua aventura condenada.

²² Césaire exalta Rimbaud exatamente por isso. Vedi, *Nègre je suis, nègre je resteraï. Entretiens avec Françoise Vergès*, cit., p. 25.

²³ Vede o precioso estudo de Ángeles Huerta González, *La Europa periférica. Rusia y España ante el fenómeno de la modernidad*, Universidade de Santiago de Compostela, 2004.

Tornamos às relações entre Europa e América. Seja o desdobramento regressivo e psicótico renascentista que a loucura traumática da conquista causa *à la fois*, ainda que de modo diferente, seja como empreendimento de domínio que como destituição: no renascimento, por meio de seu esplendor e sucesso local, “universal” e duradouro, remove-se o medo do novo, que os próprios italianos descobriram e nomearam: Colombo, Caboto, Vespúcio. Na conquista extrema da América, remove-se o horror da soberba e do erro, de quererem ter sido deuses europeus, criadores de um novo Éden, o da oportunidade, ao invés de se tornarem homens do mundo e co-autores de um novo reino.

Este raciocínio me levou a pensar que da tal loucura falimentar nasceu o assim chamado *sonho americano*. O incubo que todos nós, cidadãos do mundo devastado pelos homens, somos obrigados a suportar desde o século XIX. Antes de seguir adiante, sugiro fruir de duas obras de arte através das quais se poderá entender melhor o meu raciocínio (a mim sempre deram muito que pensar e entender): o filme *Aguirre furor de Deus* (*Aguirre, der Zorn Gottes*) de 1972, do alemão Werner Herzog, e os romances (todos) do escritor norte-americano Cormac McCarthy, que vive em algum lugar do Texas, Colorado, ou do Novo México.

O ilustre porta-voz do pensamento *yankee*, Samuel P. Huntington, no seu último livro importante, parece querer responder pelos Estados Unidos à pergunta de Césaire: *Who are we*²⁴? Huntington, com efeito, responde a Césaire, à maneira norte-americana, falando exatamente daqueles que ele (e os *wasp*) pensam que são os problemas e o desafio à identidade norte-americana hoje. Eles provêm do perigo de uma sociedade multicultural dominada não mais pela imigração européia, mas daquela de uma outra América: “Brown Menace” ou “Brown Danger”. Huntington escreve como um herdeiro direto dos puritanos Pais Fundadores, e o faz de maneira racista. A identidade *wasp* vem anexada e exaltada uma vez mais; ora vem re-proposta como individualista e cosmopolita, não comunitária nem mestiça, mas verdadeiramente democrática, porque pode controlar sabiamente, e com firmeza, as diferenças mantendo-as unidas no recinto da liberdade. Carlos Fuentes escreveu imediatamente que tudo isso significa “racismo”, ultrapassado e camuflado, que ocorre de contrapeso na política interna à doutrina do “Clash de civilizações” e da exportação da democracia na política mundial *yankee*: a ordem do dia atual do planeta. *USA writes back*, parece, mas sempre do mesmo modo.

²⁴ *Who are we. The Challenges to America's National Identity*, New York, Simon & Schuster 2004.

Já declarei que devo e posso responder apenas pela Europa colonial e não pelos *wasp*. O que me interessa de fato agora é procurar entender e mostrar como um europeu que empreende o *Caminho para a Descolonização*²⁵; como se coloca na relação crítica justa diante do “seu” *Mundus Novus* que tem 500 anos, que, por sua vez, tornou-nos o “seu” *Mundus Vetus*. Apenas nesse *double bind*, como ensinamos o pensamento da complexidade, é possível saber em que pensamos e do que falamos. Creio, na realidade, que a perspectiva histórica e crítica deva e possa ser diretamente encaminhada desse modo, mesmo se escutando Bach.

Para mim, emparelham-se nitidamente – configuradas de modo definitivo ainda que não finito, a partir da crioulização, da independência e da descolonização dos estados-nações americanos, – duas Américas, que correspondem ao modo em que as concebeu (também para nós, europeus, mas sem serem ouvidos e conhecidas, se não depois da revolução cubana) José Martí ao fim do século XIX : uma *América sajona*²⁶, anglo-saxã, atlântica, ocidental, protestante, branquíssima e disponível também *in look* esbranquecido (é só pensar em Michael Jackson); consangüínea dos Franceses, dos Teutônicos e dos Vikings, mas não dos irlandeses e do andaluzes, e nem mesmo dos gregos, italianos, sardos e córsegos, polacos, iugoslavos e muitos outros, tolerados, por serem também europeus, ainda que baixos, escuros ao ponto de parecerem árabes, mesmo que anglófonos roxos e papistas. A única exceção é feita ao outro povo de deus: os judeus. A outra é a que está ao sul, *Nuestra América mestiza*.

A primeira (Estados Unidos e Canada, com alguma diferença entre si, entretanto) é uma ex-colônia européia, como todas as outras, naturalmente, que foi a primeira a se tornar independente no continente americano, com uma guerra de libertação anticolonial do império britânico, que exterminou definitivamente as populações indígenas, representando a si mesma por meio da página épica da “marcha em direção ao oeste”. Essa se constituiu como uma verdadeira *nação-continente em progresso* e tem em Walt Whitman o seu poeta-profeta, tornando-se o *Mundus Novus* que alcançou uma perfeição interoceânica e planetária colocando-se como o novo *Axis Mundi*. Desse empreendimento

²⁵ Este ensaio, na verdade introduz um texto que será o n.4 dos meus livros que desde 2004 recebem o subtítulo de *Via della Decolonizzazione*, Isernia, Cosmo Iannone 2004; *Biblioteca interculturale VdD. n.2*, Roma, Odradek 2004 e *Mondializzare la mente VdD n.3*, Isernia, Cosmo Iannone 2006.

²⁶ Como podeis ver, embora observando e escrevendo em uma região mediterrânea, eu não me sinto distante, destacado e objetivo, neutro e científico (?) com respeito a esta relação; adoto, ao invés disso, uma visão que vem de uma escolha, que marca a minha liberdade e a minha capacidade de inteligência dentro da relação; é a visão por meio da qual me é permitido entender e conceber, chegando até mesmo a falar em *sua* língua (*sajona/nuestra*), a relação entre europeus e americanos do ponto de vista de uma das duas partes, de onde me aparece mais claramente a realidade. É esta escolha que gera a clareza dentro do *double bind*. A escolha e a clareza decidem aquilo que se sabe que se conhece, que se entende criticamente por realidade, e como agir.

ultra-europeu impresso do sigilo anglo-germânico do império mundial e não mais sacro-romano, os Estados Unidos fizeram descender a própria imagem de progresso e democracia liberal e cristã, que os circunda como uma aura plena de estrelas e os identificam como uma águia com as flechas. Mas, sabemos, a imagem que os Estados Unidos projetam é até doce, e conciliadora, ainda que enganadora. É *dream*. É a ideologia do *melting pot*, é a forma do *reino dos migrantes*²⁷ etc. Na realidade, se trata de sonhos, sermões, folhas de erva e Hollywood, de um lado, e o deus severo e velho testamentário, calvinista, dos padres peregrinos que bendizem sempre a grande nação-continente, do outro. Creio também que cada europeu teve o *seu* sonho americano. O meu (nos anos 50 no sul da Itália) consistia em um enredo de Fred Astaire e Frank Sinatra, Gershwin e Porter e tudo os blues e o jazz + Ava Gardner; e vive ainda dentro de mim, tanto é verdadeiro que se tivesse²⁸ um funeral gostaria que tocassem para os que lá estivessem as orquestras de Duke Ellington, Glenn Miller e Arturo Mantovani (um italiano que, como Sinatra, soube fazer com que os wasp tivessem o mesmo sonho que ele, como em um espelho).

O sonho wasp é uma das faces da América *sajona*; a outra é a da manipulação do mundo, do império do dinheiro e da guerra, da injustiça social e do racismo. Creio que os yankees, mostrando incessantemente na rede planetária da comunicação as duas faces (e a face *sweet* modificou-se, naturalmente, não é mais uma comédia de Frank Capra ou uma com Cary Grant, ou Stan e Oliver; são muitas missões impossíveis agora, colateral, kill bill etc.), atraem exatamente por causa disso o ódio e a inveja.

A Nuestra América mestiza não é um sonho, mas uma cosmovisão, composta pelos “filósofos”, de Bolívar a Martí, Vasconcelos, Mariategui, Zea, Che, Amado, Césaire Fanon e Glissant, Carpentier, Paulo Freire, Galeano, Retamar, Dussel, Mignolo, mas também Caetano Veloso e Mario de Andrade, Glauber Rocha, Pablo Neruda e tantos outros. São esses que re-criaram a sua filosofia do Mundo Novo; um modo de pensar e transformar a realidade e a descolonização, a crioulização e o pensamento indígena em conjunto, absolutamente diverso, ainda que europóide, tanto do pensamento europeu quanto do norte-americano. Quereis saber de que modo o pensamento latino-americano é diferente do ocidental (Mignolo o chama de pós-ocidental)? Afirmo que é uma forma de filosofia da experiência histórica que se assemelha mais àquela de Montaigne do que a de

²⁷ Aquelel « reino » que o antropólogo da Università di Chicago, de origem indiana, Arjun Appadurai, definiu como uma “Federation of Diasporas”, em *Modernity at large: Cultural Dimensions of Globalization*, University of Minnesota Press 1996.

²⁸ Pretendo dizer que prefiro ser queimado e que as minhas cinzas sejam dispersas na física terrestre. Enquanto são espalhadas, as cinzas podem se tornar música.

Cartesio e de todos os outros; para os filósofos americanos creolatinos o pensamento não se constrói por si mesmo, mas com os povos e com a história. É uma filosofia da experiência que caminha pela mesma estrada revolucionária das mulheres do mundo.

Os filósofos latino-americanos pensam, escrevem, cantam e traduzem as condições de vida e da própria gente, no presente. São escritores, musicistas, artistas de cinema, pintores, que propõem uma cosmovisão diferente e criada em conjunto, dentro da massa dos povos, crioulos mestiços e indígenas. Se os Estados Unidos comandam o mundo, a Nuestra América, para os críticos europeus, é verdadeiramente a cabeça do *Mundus Novus*, que resiste e consegue compreender a multiplicidade cultural a fim de que a humanidade possa conviver melhor. É como se houvesse uma fenda aberta, e até então ignorada, às portas da modernidade, de onde se possa entrever e auscultar o perfume da saudade do reino que nunca foi. Como no talho em uma tela de Lucio Fontana.

Antes de encerrar este texto, quero esclarecer, com dois movimentos textuais finais, a razão da minha sentença sobre o pior dos mundos possíveis e o próprio sentido de terminar o nosso encontro.

Laminaire et mangrove

(le risque étant de s'apercevoir que l'on est égaré au plus mauvais carrefour de l'évolution)
alors?

Pensa e pergunta Aimé Césaire, na breve mas crucial seção 9, *mangrove*, do poema ultracaribenho *Moi, Laminaire* de 1982, articulado em 53 seções²⁹.

O poeta martinicano bendiz e exalta a alga laminar, na figura da qual transflorresce a si mesmo. Alga escura, *forma fluens* da mobilidade, a laminária se move como um tufo de feixes de folhas flutuantes que favorecem o movimento ondulante e é tenazmente ancorada à pedra oceânica. A agitada e ondulada laminária movimenta-se para lançar esporos, disseminados por toda parte nas veias e nos cursos das águas planetárias, pelos ventos e por meio de “la force de la terre”:

la relance
se fait

algue laminaire (22, *algues*).

Como compreender o lançamento? E, sobretudo, a sua origem?

²⁹ Les Éditions du Seuil, Paris 1982.

La relance ici se fait
par le vent qui d’Afrique vient (*ibidem*)

e volta sempre – “par l’influx / plus encore que par l’afflux” – semeando os Caribenhos e substituindo, incessante, o movimento das águas-ares-terras férteis no giro cósmico, vivente e virtuoso da física terrestre. A agitada e forte alga laminária – que a um leitor mediterrâneo recorda a simples e tenaz giesta vulcânica de Leopardi – exprime uma paixão biológica e uma resposta po-ética que se move em sentido inverso à potência monstruosa e triste da mangróvia: planta do sofrimento, da imobilidade, do desespero: *mangroves amères*, (3, *épactes*).

“A condição-mangróvia” (14, *la condition-mangrove*) indica, na definitiva tradução que o poeta nos concede de dentro do seu próprio poema, o sentido definitivo: “Ce n’est que du haut: mort à la base”. Alta, mas morta na base e base da morte; “même portant beau”. No contraste entre a bela, alta e mortífera mangróvia e a sã, modesta e incessante laminária, o poeta insinua um conceito de perigo antropomorfo e global, que o relance silencioso da laminária transforma poeticamente em *relação* entre as espécies e a sua *base vivente e conhecida*; percebêmo-lo, nós, que aprendemos a fazê-lo ao longo da evolução humana e que *não sabíamos que não sabíamos*. E percebêmo-lo *agora*, junto ao poeta que *ainda* nos acompanha. O que percebemos? Que nos tornamos perdidos e confusos, *errantes*, como aqueles que navegam sem timão e sem estrela polar e que acabam por errar o curso.

Alors? O que estou dizendo? De que falo, ocultando-me na sombra do poeta, por detrás da rocha de onde parte o relance maleável do influxo da alga amiga das Antilhas?

Reencontrei no meu amado amigo Césaire uma reflexão (no seu verso, perplexa; no meu raciocinar, angustiante) que comecei a fazer, com a certeza perigosa do saber humano maduro, no início de minha velhice. E justamente por essa sua força não juvenil sobretudo generosa, ainda que terrível, com a qual me leva a termo, creio plenamente: creio, isto é, que a “pior encruzilhada da evolução” na qual e da qual o velho poeta negro corre o risco de perceber-se, seja equivalente para mim a um conceito mais sério: o mundo que uma parte da espécie humana soube impor a toda as espécies, ao planeta que se chama terra e a cada vida, ou ausência de vida, que lhe pertence, tornou-se *o pior dos mundos possíveis*. Ele tomou o lançamento na *modernidade infinita* produzida pelo *conquistador europeu dos mundos* e de suas atitudes, realizando-se na sua *história moderna*, de quinhentos anos para cá.

O meu antigo poeta-guia antilhano e eu, que mal entrei na velhice, nos encontramos no nosso *carrefour*, ele saído do regaço caribenho e eu do mediterrâneo, chegamos das estradas circulares e diversas dos mundos atlânticos ao extremo sentir, concebido *a partir do pensamento colonial=moderno*. Trata-se de um pensamento abissal e incontornável, que parece irrevogável, uma vez pronunciado; e que ressoa triste. Mas creio que saibamos suportá-lo com sabedoria, como se Cuatemoc-Kongo e Montaigne o tivessem concebido, juntos, sem se conhecerem. A tristeza, por outro lado, como nos ensina o Mundo Novo, pode bailar na *forma fluens* de uma habanera, do samba, ou naquela mais nervosa do tango, ou pensar por meio da *tenderness da saudade*.

Creio que Raymond Carver – tomo para mim a responsabilidade hermenêutica de afirmá-lo com alguma razão³⁰ - teria um pensamento assim; como teria o Che. Juntos; junto a tantos outros:

It's the tenderness I care about. That's the gift
 this morning that moves and holds me.
 Same as every morning
 ("The Gift", *for Tess*)

Mas vós pretendeis, justamente, que eu não me afaste daqui, deste nosso colóquio, agora. Que acabe de recontar-vos também o porque podemos afirmar que o pior dos mundos possíveis é exatamente este em que vivemos. Protestais, também. Eu vos ouço murmurantes a afirmar que um poeta pode lançar a cada momento ao seu leitor a sua metade do senso de intuir, construir, completar etc. – como dizia o maestro de todos nós, modernos, o prefeito de Bordeaux, Michel de Montaigne –, mas que um crítico, um ensaísta portanto, não pode e não deve fingir ser um poeta, mas deve aproximar-se o máximo possível da compreensão comum, com clareza e entendimento recíproco. Inolte, deve estar sempre à disposição do leitor e *responsabile*. Certo. Tens razão. Quereis saber porque e como hoje, em 2006, pode ser possível pensar e saber – sem esnobismos elitistas e pessimistas à moda de Cioran e de outros cozinheiros do nada – que

³⁰ No breve ensaio, "Meditation on a Line from Saint Teresa", o último que escreveu, em 1988, por ocasião da "Graduation Ceremony" do conferimento da laurea *honoris causa* por parte da Università di Hartford em Connecticut, Carver relata e comenta de modo suave uma citação de Santa Teresa: "Words lead to deeds...They prepare the soul, make it ready, and move it to tenderness." Carver aproveita para relatar e comentar também o trecho de um conto de seu predileto Tchecov e convida a recordar as duas palavras um pouco esquecidas do uso público e privado da linguagem: *tenderness* e *soul* (ou *spirit*, se assim o quiserem); em *Call if You need Me*, New York, Vintage Books, 2000, pp. 123-125.

construímos, sendo europeus imperialistas, na rota do tempo semimilenar da modernidade, o pior dos mundos. É este o ponto, certo?

Certamente, a Europa com Hitler e Stalin (Auschwitz e Kolyma: leiam Primo Levi, *Se questo è un uomo*, Torino, Einaudi 1956 [1947] e Varlam T. Shalamov, *I racconti della Kolyma*, tr.it., Milano, Adelphi, 1995) entregou, definitivamente, o poder ao mal daquilo que é um fim desumano, banal, se quiserdes, porém terrível. O líder da “melhor” democracia planetária, aliada e herdeira da Europa, o Presidente Harry Truman, em agosto de 1945, superou a todos e comandou o clarão branco, instantâneo e *novo*, *absolutamente novo*, da bomba sobre Hiroshima e, depois de três dias, daquela sobre Nagasaki; a primeira de urânio, a segunda de plutônio. Leiam o famoso *Hiroshima Diary. The Journal of a Japanese Physician. August 6-September 30, 1945* do médico Michihiko Hachiya, organizado e traduzido por Warner Wells e Neal Tsukifij, The University of Carolina Press 1955 e, se for possível, o seu resumo e o seu sentido europeu re-escrito em um ensaio de Elias Canetti.

É esse verdadeiro gesto extremo que inaugurou a fase novíssima do terrorismo global, *imediatamente após* as últimas obras-primas do desumanismo europeu. Hitler e Stalin encerraram a moderna loucura conquistadora e imperial. Truman mandou explodir o início do domínio unilateral do ex-colônia emancipada e vencedora, os Estados Unidos: a *modernidade* do nosso tempo comum, própria de nossa convivência no mundo presente.

Desde então o horror continuou a crescer, ao invés de ser racionalmente banido, levando aumentando sempre o grau de desumanidade e agredindo o planeta, de um modo cada vez mais selvagem.

Não estou falando por meio do assim chamado pessimismo da filosofia européia; não se trata de pessimismo, mas de *apocalipsis*: à capacidade de todos, embora invisível, como se vivêssemos no incubo cinematográfico de *Matrix*³¹, isto é, de *verdadeira revelação dos fatos, ou se assim o preferirem, de seus nomes*. Apenas agora o mal humano introduzido na história moderna pela *decisão irresponsável de querer o domínio* da parte da civilização européia— um conceito que se tornou possível em concepção e prática somente a partir da modernidade colonial, do nosso absoluto dever, que inventamos, de civilizar o outro, o *fardo do homem branco* – pode e deve ser enfrentado e combatido por todos os que assumem o papel da alga laminária; como disse o poeta. E

³¹ Muitos intelectuais do norte falaram do filme filosófico-platônico o mito da caverna etc.; a trilogia de *Matrix* parece-me ser uma alegoria do nosso tempo e não uma situação filosófica abstrata ou forçosamente aplica-se à realidade contemporânea, como pode ser a filosofia européia antiga, neste caso.

não mais da parte dos “valores universais” do Ocidente, sancionados uma vez mais, recentemente, e com orgulho no desafortunado “ Tratato por el quel se establece una Constitución para Europa” de 2005, defendido por filósofos como Habermas, Eco, Todorov etc.

Indéfendable, escreveu o nosso poeta amado no famoso *Discours sur le colonialisme*, de 1955. Indefensável é a Europa, depois da segunda guerra mundial. Mais indefensável é, desde então, o insuportável herdeiro de seu fardo, os Estados Unidos³².

Enfim, não é o terror da guerra infinita a representar o mal desumano no pior dos mundos possíveis. A guerra do terror levada adiante por uma potência militar superior e democrática, cujo império é baseado na morte e na mentira, é instrumento, representação continua e projeção de um mal ainda pior: a assim chamada globalização econômica e social fomentada pelo neoliberalismo desenfreado do capitalismo, de seus homens e de suas corporações. Esta novíssima desordem, dominada pelos ricos e controlada militarmente inverteu a “imagem” do reino que nunca existiu, realizando definitivamente e pela primeira vez alguma coisa de verdadeiramente universal: o estado de injustiça, que tem apenas uma direção [*uni-versum*], a ocidental. Ela tem o perfil e poder de uma nova ordem implacável, que divide a espécie humana em partes desiguais: uma rica e potente, cercada de serviçais, e uma outra, ignóbil, pobre e inútil, que deve ser esquecida. Trash. Esta é a sentença e a lei de nossa modernidade, no dia 7 de agosto em Paris e hoje, dia 30, em Roma, e...no Brasil.

O reino que nunca existiu. Em seu lugar há, desde então, o anti-reino, agora triunfante, que necessitamos combater, por todo o tempo de nossa existência. A cada um cabe encontrar o caminho para fazê-lo. Vejo como adequada a lição de Virginia Woolf: “lutar com a mente, fabricando idéias que possam servir aos jovens” (frase que transcrevo da memória que tenho de um ensaio que Wolf escreveu em um abrigo antiaéreo em Londres, em agosto de 1940, sob o bombardeio alemão e que não encontro mais).

Lutar com a mente, fabricando idéias para os jovens, é a minha profissão.

Final

Pensava em despedir-me com um comentário sobre o poema *O rio*, 1953, do poeta nordestino brasileiro João Cabral de Melo Neto. Mas o farei em outra oportunidade. Dei-

³² No início do *Discours* Césaire indica Hitler como o agente terminal da loucura da história européia e os Estados Unidos da América como o seu sucessor atual. O “fardo” ao qual me refiro é, obviamente, aquele que Kipling, no poema “The White Man’s Burden”, de 1898 (ano da fácil e disfarçada guerra imperial dos Estados Unidos contra a Espanha para ter acesso livre a Cuba, ao Caribe ao Pacífico) consigna em nome da Inglaterra à jovem democracia yankee, para dominar e civilizar todos os mundos. Por isso, líderes como Bush e Blair continuam a caminhar juntos e têm o mesmo idioma.

me conta de que já escrevi demais. Queria também privilegiar a minha cara vizinha polaca, *anima mundi* do nosso tempo comum, Wisława Szymborska. Não há espaço: convido-vos a ler suas poesias. Opto pelo verso de outro poeta: *inter se mortales mutua vivunt* (Lucrecio, II, 76 – citado em Montaigne, I, XX). Este verso do *De rerum natura* e o seu autor fazem parte da mente europeia que foi simplesmente cancelada pelo cristianismo, antes e depois da modernidade. Aquela mente que poderia empreender um colóquio, talvez, com o novo mundo, como pensava Montaigne, e que serve ainda para poder compreender imperfeitamente, assim como este meu escrito, o mundo em que vivemos. É a mente que uniu *em uma mesma parte da história*, Filodemo di Gadara e Montaigne, Erodoto e Carver, Lucrecio e Alejo Carpentier. Recordo quando Carpentier encerra o ensaio “Conciencia e identidad de America” citando Martí e Montaigne, os nossos dois mundos, afirmando: “Para mí terminaron los tiempos de la *soledad*. Empezaron los tiempos de la *solidaridad*.” Nós fazemos parte deste tempo. Porque é o contratempo.

Paris & Roma, Rio de Janeiro, agosto e setembro de 2006